



A PAISAGEM FERROVIÁRIA E O PATRIMÔNIO TERRITORIAL DE COLATINA: UMA ANÁLISE FOTOGRÁFICA

Livia Torezani Cavazzoni ¹

RESUMO

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa e documento histórico tem se destacado como importante instrumento para a reconstrução da história e das paisagens. O presente artigo objetiva contextualizar e reafirmar o caráter da fotografia como instrumento documental e identificar uma metodologia para a análise da paisagem fotográfica. O método adotado – análise iconográfica e iconológica- é aplicado sobre as fotografias do município de Colatina. As fotos analisadas, são referentes à um período de marco histórico no desenvolvimento econômico e urbano da cidade, quando a linha férrea transpassava a atual localidade do bairro Centro. A partir da análise fotográfica, é possível contribuir para a reestruturação da história da transformação da paisagem e identificação dos elementos constituintes da paisagem ferroviária, reconhecendo quais elementos paisagísticos fazem parte do patrimônio territorial.

Palavras-chave: Fotografia, Documento, Paisagem Ferroviária, Patrimônio Territorial.

RESUMEN

El uso de la fotografía como fuente de investigación y documento histórico se ha destacado como un importante instrumento para la reconstrucción de la historia y los paisajes. Este artículo tiene como objetivo contextualizar y reafirmar el carácter de la fotografía como instrumento documental e identificar una metodología de análisis del paisaje fotográfico. El método adoptado - análisis iconográfico e iconológico - se aplica a fotografías de la ciudad de Colatina. Las fotografías analizadas hacen referencia a un período de hito histórico en el desarrollo económico y urbanístico de la ciudad, cuando la vía férrea atravesaba la ubicación actual del distrito Centro. A partir del análisis fotográfico, se puede contribuir a la reestructuración de la historia de la transformación del paisaje y la identificación de los elementos constitutivos del paisaje ferroviario, reconociendo qué elementos del paisaje forman parte del patrimonio territorial.

Palabras clave: Fotografía, Documento, Paisaje Ferroviario, Patrimonio Territorial.

INTRODUÇÃO

A paisagem é a “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB’SÁBER 2003, p.9). Ela consiste em um forte elemento de ligação

¹ Mestranda Bolsista FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo) do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, liviatorezanic@gmail.com;



entre o homem e o espaço, por ser identificada como uma arte que torna coerente, visualmente, os espaços, as ruas e a morfologia, a partir da composição e distribuição dos seus elementos representacionais. A paisagem urbana, por exemplo, possui elementos constituintes como edifícios, anúncios, tráfego, natureza, entre outros itens, que despertam a emoção e o interesse do indivíduo (CULLEN, 1983). Este despertar das emoções e do interesse individual ou coletivo, induz a leitura e interpretação da paisagem, bem como a reestruturação das histórias intrínsecas, o que torna possível reviver os momentos e ressignificar os espaços e sedimentos que constituem a herança cultural, a identidade de um território e seu patrimônio territorial.

A paisagem ferroviária tem valor de destaque na reestruturação das histórias, pelo fato de representar um período que apresenta grande influência no “desenvolvimento econômico e na penetração territorial em momento bem demarcado da história do país” (BISPO; PROCHNOW, 2016, p.8). Portanto, a leitura da paisagem ferroviária contribui com a reestruturação da história, a partir da identificação das estruturas permanentes, persistentes e mesmo desaparecidas em ciclos de territorialização, que compõem o patrimônio territorial de uma determinada localidade.

Segundo Magnaghi (2005, p.10-11), o patrimônio territorial é um sistema de relações entre o ambiente físico (clima, flora, fauna, aspectos geohidromorfológicos), o ambiente construído (permanências e persistências de longa duração, técnicas e materiais, características da paisagem, arquitetura, morfologia urbana, infraestruturas) e o ambiente antrópico (saberes e conhecimento ambiental, modelos socioculturais; peculiaridades linguísticas, características do meio social). A partir do entendimento das relações entre ambientes, é possível representar a identidade territorial, evidenciando os elementos constituintes do patrimônio territorial.

A relação do homem com a história, capaz de representar o patrimônio territorial, se torna progressivamente mais estreita devido aos mecanismos de registro. O avanço tecnológico, cada vez mais acessível à população, permite o fácil acesso à equipamentos que capturem o momento, como câmeras digitais e aparelhos celulares, que ampliam o campo documental fotográfico. Há um aumento considerável dos registros das paisagens, dos momentos e objetos, visto que ao portar um equipamento fotográfico, tudo é passível de ser registrado, assim, “o mundo tornou-se portátil e ilustrado” (KOSSOY, 2012, p.29). As imagens e os retratos são fontes significativas para que os historiadores reconstruam/ reestruem as histórias e as culturas materiais



do passado, sendo necessária uma contextualização das imagens, por resultar de uma seleção do momento, uma escolha do fotógrafo.

A partir do exposto, o presente artigo visa compreender a aplicação da fotografia como documento analítico capaz de reestruturar a história, representando a paisagem e expressando seus valores intrínsecos. Assim sendo, também pretende-se reconhecer o procedimento, as vantagens e desvantagens do método, para então aplicá-lo e identificar os elementos patrimoniais territoriais que constituem a paisagem ferroviária. Este processo de identificação por meio da análise paisagística fotográfica explicita o valor da obra patrimonial na sociedade, ao permitir a reelaboração das memórias e das representações históricas.

Na contemporaneidade, a dificuldade em promover a conservação do patrimônio territorial decorre do desequilíbrio entre as forças de dominação (político-econômica) e/ou apropriação (cultural-simbólica) na produção sociedade-espço; o qual induz ao esmaecimento de qualidades e de especificidades dos lugares. Logo, tem-se como objetivo principal analisar, por meio de fotografias, a evolução da paisagem ferroviária da cidade de Colatina, localizada ao norte do Estado do Espírito Santo, com a finalidade de identificar os elementos constituintes da paisagem e do patrimônio ferroviário territorial da cidade. A cidade de Colatina, ao longo de sua história, passou por momentos de grande importância no cenário estadual devido sua forte influência econômica no setor cafeeiro. A fama das terras e a abundância dos recursos naturais, atraíram investimentos como a implantação da linha férrea na cidade.

O período de intenso convívio da população com a estrada de ferro, perdura em um dos marcos históricos mais significativos do município. Assim sendo, a análise será realizada em um período de aproximadamente 70 anos, com início em 1906, ano de implantação da estrada de ferro até 1975, ano em que esta foi desviada do centro da cidade. Como objetivo específico tem-se: a) compreender a fotografia enquanto documento; b) identificar os métodos de análise da paisagem fotografada; c) realizar a análise fotográfica da paisagem ferroviária.

A abordagem metodológica de âmbito descritivo e analítico, inicia-se com uma abordagem teórica sobre a fotografia, identificando o caráter documental fotográfico, assim como os procedimentos de análise da paisagem por meio da fotografia. Para tanto, são investigadas as metodologias de análises fotográficas- iconográfica e iconológica a partir de Kossoy (2012) e Burke (2004). Em sequência, os métodos



apresentados são aplicados para a análise das imagens do período selecionado, identificando o patrimônio territorial ferroviário, assim como a evolução da paisagem.

A partir da aplicação da fotografia como documento analítico, é possível interpretar a paisagem ferroviária captada através do olhar do fotógrafo, assim, revelando o patrimônio territorial, expressando seus valores intrínsecos. Durante o processo de análise fotográfica, é possível obter a experiência da evolução paisagística, bem como o caminho adotado para a expansão urbana, revelando o patrimônio e seu valor de existência nas diversas paisagens formadas ao longo do período analisado. Desse modo, a interpretação das imagens selecionadas, possibilita a rememoração de um período de grande marco histórico que deu início a identidade cultural da cidade de Colatina. Assim, o processo de identificação dos elementos patrimoniais constituintes da paisagem ferroviária explicita e reafirma o valor do patrimônio na sociedade contribuindo para sua preservação.

METODOLOGIA

Procede-se métodos qualitativos de âmbito descritivo e analítico. Inicia-se a partir da abordagem teórica relativa a fotografia, compreendendo a fotografia como documento e identificando o método de análise da paisagem por meio da fotografia, suas técnicas e procedimentos.

Para esta etapa, a bibliografia central adotada é de Boris Kossoy, fotógrafo, pesquisador e historiador brasileiro, autor de livros em destaque na área da fotografia. A princípio, é levantada a questão da fotografia enquanto documento, associando Kossoy à outros autores. Neste momento, é identificada a validação da imagem fotográfica como documento capaz de transmitir a imagem de um momento congelado em um espaço no tempo. Além de permitir a rememoração do momento, a fotografia possibilita a revelação da história. Quando submetida à uma análise técnico-iconográfica e interpretativa, recupera as informações e contribui para a reelaboração da memória e representação da história. Para tanto, é necessário associar a imagem à reflexões da contextualização e articular sua leitura à documentos complementares.

Em um segundo momento, a análise da paisagem é associada à imagem fotográfica, com o intuito de reconhecer o método analítico. Ao averiguar o método de análise da paisagem fotografada, é constatado que este parte do princípio da percepção a



partir de um olhar equilibrado entre o passado e o presente –iconográfica- associado à documentos textuais para uma análise interpretativa- iconológica.

Em seguida, é necessária a seleção do período de estudo. Desse modo, é possível realizar uma pesquisa documental fotográfica e textual do período selecionado, em plataformas online devido a atual situação da pandemia e a dificuldade em ter acesso aos arquivos físicos disponibilizados pela prefeitura da cidade de Colatina, e assim, identificar e selecionar as imagens relevantes a respeito do tema e período histórico. Vale ressaltar que as imagens utilizadas para o estudo foram selecionadas a partir de websites. Em sua maioria, adquiridas a partir do website “Estações Ferroviárias do Brasil”, por Ralph Menucci Giesbrecht. O site é frequentemente atualizado, em virtude das pesquisas de Ralph e da documentação adquirida através de colaboradores. Não é possível requerer a autorização do autor do site, por ele não ser o mesmo autor das fotos. As fotografias utilizadas não possuem autor reconhecido, dificultando a adesão ao termo de autorização. No entanto, por serem utilizadas para uma pesquisa científica e não para fins comerciais, estas foram utilizadas e referenciadas adequadamente.

Com a seleção do material, são aplicados os métodos identificados a partir de Kossoy (2012) e Burke (2004)–iconográfico e iconológico- para analisar e interpretar as imagens selecionadas a partir da leitura da paisagem, identificando os elementos do patrimônio territorial que compõem a paisagem ferroviária da cidade de Colatina.

A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

Com a revolução documental e o surgimento da era tecnológica, há a ampliação do sentido de documento para além do escrito, abordando outras vertentes como a imagem, o som e a ilustração (SAMARAN, 1961 *apud* LE GOFF, 2013). A nova conceituação de documentação despertou o interesse pelo alcance, valor e limite da fotografia, classificando as imagens como documento insubstituível com grande potencial a ser explorado. Esta, inova a informação e o conhecimento no campo documental e também a forma de expressão artística. “O homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (KOSSOY, 2012, p.28).

Segundo o Dicionário Michaelis, a documentação vem do processo de documentar, do ato de registrar, para comprovar ou esclarecer algo. Estes registros estão



ligados à representação da história, de um modo geral, com o intuito de compreender o presente correlato ao passado, refletindo sobre a perspectiva do futuro (LE GOFF, 2013). A fotografia enquanto documento, é o registro de um momento, é a imagem congelada de um espaço no tempo. Vários são os motivos que levam o fotógrafo a capturar o instante e vários são os resultados do registro, no entanto todas as fotos despertam a memória e escondem a história que compõem a identidade de um lugar.

A fotografia propicia a rememoração do momento, é uma documentação passível de desvendar a história, incita o autoconhecimento e opera como testemunho. Uma vez desaparecidos os personagens, os costumes e os monumentos, prevalecem as imagens e sobrevivem os documentos (KOSSOY, 2012).

“As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou” (KOSSOY, 2012, p.34).

Em razão de sua vasta aplicabilidade, o uso não deve ser restrito às ilustrações textuais, pois se tratam de documentos que permitem desvendar e compreender as múltiplas faces do passado, dado que no documento, é sintetizado um fragmento do real de forma visível. Uma vez submetidas a uma análise técnico-iconográfica e interpretativa, prestam-se a recuperar as informações, resgatando a memória visual do homem e do entorno sociocultural (KOSSOY, 2012). No entanto, para Halbwachs (1990), ao resgatar estas memórias deve-se levar em questão os quadros sociais, pois esses atuam como base para reconstrução da memória. O autor afirma que “nossas lembranças, permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p.26). Desse modo, para rememorar seu próprio passado, o homem tem a necessidade de analisar o contexto social e requerer o passado do outro.

A etapa de análise interpretativa, é de fundamental importância para que de fato a fotografia seja utilizada como fonte documental. A fotografia é “o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente” (KOSSOY, 2012, p.168). Assim, as reflexões da contextualização, bem como sua relação com as demais documentações complementares, necessitam ser articuladas para o registro da imagem se consolidar como documento fotográfico.



A fotografia é uma extensão do nosso olhar, caracterizada por uma técnica representativa da realidade, devido seu rigor e suas particularidades expressadas por linguagem própria. São arquivos de extrema importância para as diversas áreas do conhecimento. Para a perpetuação da história e aquisição do conhecimento, é necessário reconhecer, organizar e preservar os registros (GURAN, 1992 *apud* TONELLO; MADIO, 2018). A história reestabelece a continuidade interrompida entre passado e presente, por meio de um trabalho minucioso, encontrando e reunindo fatos. A história começa de fato, quando a memória não é mais pertencente de um grupo, está perdida para as gerações às quais os fatos não interessam mais (HALBWACH, 1990). Sendo assim, o modo identificado para salvar as lembranças ocultas das fotos, é o ato de interpretá-las e descrevê-las por escrito através de uma narrativa, uma vez que “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACH, 1990, p.80).

O contexto específico em que foi captada e a subjetividade de quem capta são características de um produto cultural. No entanto, apesar de sua aparente credibilidade, podem ocorrer omissões intencionais, acréscimos e manipulações por parte do fotógrafo no ato do registro. “Toda a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2012:38). Estes registros se tornam documentos expressivos, dado que transferem e organizam as informações articulando os valores. Para que não haja conclusões equivocadas ao utilizar a fotografia como fonte, também é necessário o estudo e análise do registro em si, afim de trazer a realidade que a situa e valoriza (KOSSOY, 2012).

Desde sua invenção, a fotografia é aprimorada influenciando gradativamente o aumento do registro pelas câmeras. Há registros dos costumes, de monumentos, habitações, paisagens, obras de implantação das estradas de ferro, entre outros. Os conteúdos despertam sentimentos de “afeto, ódio, nostalgia [...] ou exclusivamente meios de conhecimento e informações para outros que os observam livres de paixões” (KOSSOY, 2012, p.30). Conforme declarado por Kossoy,

Essas imagens nos levam ao passado em uma fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através das fotografias reconstruímos nossas trajetórias ao longo da vida: o batismo, a primeira comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os



amores e olhares, as reuniões e realizações, as sucessivas paisagens e os filhos, os novos amigos, a cada página novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem (KOSSOY, 2012, p.112).

Em outras palavras, a fotografia é um documento que possibilita registrar a história e relembrar a memória que fora cristalizada em uma imagem. É utilizada para registro das vastas comunidades mundiais, congelando a imagem e a paisagem, perpetuando o momento e a lembrança do indivíduo e da comunidade. Além do mais, possibilitam a pesquisa e a descoberta de determinados acontecimentos a partir do momento em que são sistematizadas suas informações, permitindo a decifração dos seus conteúdos e a realidade que a originou. Desse modo, contextualizando o presente correlato ao passado, contribuindo para o conhecimento da história e reafirmação da identidade de um território.

A ANÁLISE DA PAISAGEM FOTOGRÁFICA

Conforme mencionado anteriormente, ao serem analisadas, as fotografias se tornam documentos capazes de reconstruir a história, analisar objetos, recompor as paisagens e captar detalhes inexpressivos pelos textos. Neste caso, busca-se a utilização da imagem fotográfica como documento do instante, com o intuito de reconstruir e concretizar a história da evolução paisagística ferroviária no Centro da cidade de Colatina, assim como a identificação e o reconhecimento do seu patrimônio territorial.

Para tanto, o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador é a seleção do período a ser analisado para identificar as imagens do estudo. A principal fonte e objeto de estudo é a fotografia, no entanto, é necessário identificar os dados relacionados aos processos que deram sua origem, como as informações referentes ao fotógrafo e os equipamentos utilizados. Também se faz necessária a descoberta de fontes como referências bibliográficas de documentos escritos a respeito do tema e período histórico. Documentos auxiliares como registros públicos, plantas arquitetônicas, crônicas e testemunhos, são de fundamental importância para a compreensão da contextualização histórica, auxiliando na análise da imagem (KOSSOY, 2012).

A análise e interpretação das imagens é de extrema importância para que esta seja utilizada como fonte documental, pois não correspondem ao reflexo da realidade ou a total interpretação do leitor, mas estão inseridas entre os extremos, cabendo ao



historiador posicioná-las da melhor maneira, estando ciente de seus potenciais e limitações (BURKE, 2004).

Uma das maneiras de interpretar a fotografia é unindo o documento visual da foto às informações textuais coletadas, ou seja, realizando uma análise iconográfica e iconológica. Kossoy (2012) e Burke (2004), se baseiam na análise iconográfica e iconológica de Panofsky, onde a análise iconográfica busca detalhar e inventariar o conteúdo da imagem, identificando o que está sendo representado, quem está aparecendo na imagem, quando e onde a fotografia foi tirada, situando-se ao nível da descrição e não interpretação. Esta descrição ocorre por meio da análise e percepção, um meio de avaliação da imagem. Segundo as definições de Tuan (2015),

[...] a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 2015, p.16).

Desse modo, a percepção e a análise de cada indivíduo sobre uma paisagem ou espaço, mesmo que involuntariamente, será particular devido às questões culturais e pessoais. A percepção por si só, pode levar o analisador a cair nas armadilhas do aparente realismo, e, para que não haja a ilusão da objetividade, é necessária a complementação da análise com a iconologia. De acordo com Burke (2004), é preciso superar a falta de diálogo com o contexto da obra e ir além das análises generalizantes das imagens.

A iconografia conjugada às informações contextuais, torna possível a análise iconológica, e conseqüentemente, a interpretação da imagem, recuperando “micro-histórias implícitas no conteúdo [...] revivendo [...] o assunto registrado no plano do imaginário” (KOSSOY, 2012, p.130). No entanto, segundo o autor, estes vestígios da vida estagnada pela imagem, só passam a ter sentido quando são compreendidos os elos ausentes, dessa forma, trazendo à tona a verdade oculta.

A interpretação iconológica está voltada para o significado intrínseco da imagem, para a “leitura da imagem” com o intuito de explicitar as representações dos contextos históricos e culturais. Para interpretar a imagem, é necessário familiarizar-se com o contexto cultural, realizar a justaposição de textos e sobreposição de outras imagens (BURKE, 2004). Entende-se a dificuldade de realizar a interpretação



iconológica, uma vez que é mais fácil identificar os elementos da fotografia do que compreender a sua combinação paisagística, podendo encontrar o que já se esperava.

Cabe aqui, ressaltar que frente a esta dificuldade, podem ocorrer manipulações, ou interpretações de diferentes naturezas sobre uma mesma imagem ao longo do tempo, assim, apesar de ser um meio de conhecimento do passado, não informa o conteúdo definitivo (KOSSOY, 2012). Além do mais, por se tratar de uma seleção do fotógrafo, não é recomendado confiar que “a fotografia nunca mente”. Visto que, muitas vezes, as imagens são ambíguas em virtude do que aparenta ser e do que realmente é (BURKE, 2004).

A fotografia é um fragmento do passado que não revela toda história, no entanto, Kossy (2012) e Burke (2004) defendem sua exploração e aplicação como fonte histórica. Frente a este entendimento e a metodologia apresentada pelos autores, a paisagem fotografada será analisada com o intuito de compreender o passado a partir do presente, revelando a história da evolução paisagística ferroviária, bem como a identificação do seu patrimônio e dos valores intrínsecos, identificados a partir da percepção e interpretação das imagens de uma determinada cultura.

Vale salientar que, em virtude das vantagens e desvantagens do método apresentado, entende-se que a apreciação do historiador é constatada como verdade, uma vez que sua leitura e interpretação se dão por meio da análise e contextualização histórica, apresentadas por um ponto de vista subjetivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A PAISAGEM FERROVIÁRIA E O PATRIMÔNIO TERRITORIAL NO CENTRO URBANO DE COLATINA

Para dar início ao processo de análise fotográfica da paisagem ferroviária da cidade de Colatina, são selecionadas algumas imagens datadas do período em que o trem circulava no atual bairro Centro da cidade, entre os anos de 1906 a 1975. Para a escolha destas, foram selecionadas as imagens que abordavam como elemento central a estrada de ferro ou seus componentes. Em sua grande maioria, as imagens retratam o plano frontal do fotógrafo com a paisagem.

Colatina é uma cidade situada no estado do Espírito Santo, que se destaca como município relevante para a colonização e desenvolvimento do norte do estado, em virtude da implantação da estrada de ferro, com início no ano de 1901 por meio do investimento da Companhia do Vale do Rio Doce. A partir desta obra, o progresso



começou a emergir na região do Vale do Rio Doce, até então habitada sobretudo por índios botocudos.

No ano de 1906, é inaugurada a Estrada de Ferro Vitória-Minas na cidade de Colatina, considerado um dos investimentos de maior impacto no desenvolvimento da cidade e da região, atraindo cada vez mais colonos. “A Companhia Vale do Rio Doce deixou marcas significativas da sua importância na transformação urbana de cidades e vilas, localizadas dentro de sua área de influência” (COM, 1989, p.18). A implantação da ferrovia permitiu a comunicação direta com a capital do Estado, utilizando transporte rápido e barato (TEIXEIRA, 1974). “A Estrada de Ferro veio propiciar a habitação, o progresso da região do Vale do Rio Doce e o transporte do minério existente no estado de Minas Gerais [...]” (COM, 1989, p.18).

Entre uma das primeiras fotografias do registro da ferrovia na cidade, destaca-se a Figura 01, onde é evidenciada a majestade dos trilhos do trem na paisagem, o primeiro elemento patrimonial identificado por meio das fotografias, considerado eixo central do desfecho do patrimônio territorial, uma vez que consiste no caminho percorrido pelo trem. Estes, se destacam no princípio da vida urbana. As ruas sem calçamentos, ainda irregulares pelo pouco tráfego, exibindo sua sinuosidade, e as residências, construídas as margens dos trilhos compõem a paisagem. É possível detectar a pouca expansão urbana neste início de século, visto que ainda não há a instalação de postes de eletricidade ou vestígios da circulação de pessoas e veículos automotivos. Em virtude da data da fotografia, é constatado que neste período, a atual cidade de Colatina ainda era denominada Vila de Colatina, povoada por imigrantes produtores de café, recém instalados no território (ALBANI; ASSIS, 2020). Poucos anos depois, em 1915 (Figura 02), observa-se a grande influência que o trem e seus privilégios, como o transporte de passageiros e mercadorias, exerceram sobre a economia e desenvolvimento da cidade. O traçado urbano se expande a partir do desenho da linha férrea que acompanha o curso d’água, proporcionando inicialmente, um adensamento urbano na área plana da cidade, entre os morros em relevo e o curso do Rio Doce. Elementos estes, também identificados como patrimônio territorial, pela influência ao direcionar a expansão da cidade.



Figura 01: Foto dos trilhos tirada no ano de 1908.
Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2016.

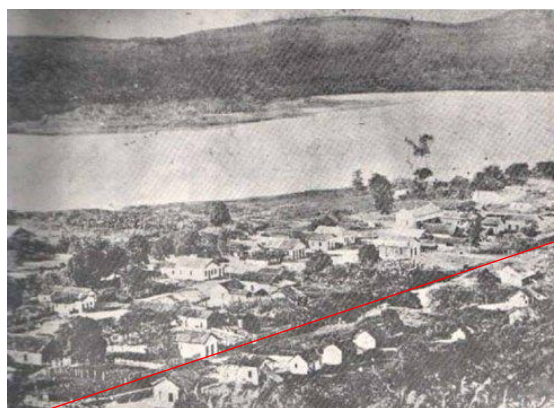


Figura 02: Foto de Colatina no ano de 1915 em que o fotógrafo se situava no alto do morro. Em vermelho é destacado o curso do trem.
Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2016.

O adensamento populacional ocorreu na margem sul do Rio Doce, onde hoje está localizado o bairro Centro da cidade de Colatina. No início da década de 1920, a vila de Colatina se tornou município. Neste mesmo período, houve um projeto de expansão da linha férrea para a margem norte do Rio Doce, com o intuito de estreitar a ligação com a cidade de São Matheus, contemplando a construção de uma ponte. No entanto, esta extensão não foi concluída, mas a ponte contemplada em projeto foi executada (COM, 1989). A ponte Florentino Avidos foi inaugurada no ano de 1928, permitindo maior penetração da colonização na região, fato evidenciado nas imagens do início da década de 1930.

As Figuras 03 e 04, demonstram o adensamento populacional nas proximidades da primeira estação ferroviária, edifício de destaque como elemento constituinte do patrimônio territorial, remetendo as origens históricas da cidade quanto ao seu desenvolvimento econômico, bem como sua expansão territorial, por ser o local de chegada de muitos de seus habitantes. Estas fotografias contemplam um número significativo de pessoas nas imagens, fato não identificado anteriormente. Além do mais, é notória a regularidade das ruas, agora de terra batida, devido ao alto tráfego de pessoas e automóveis.

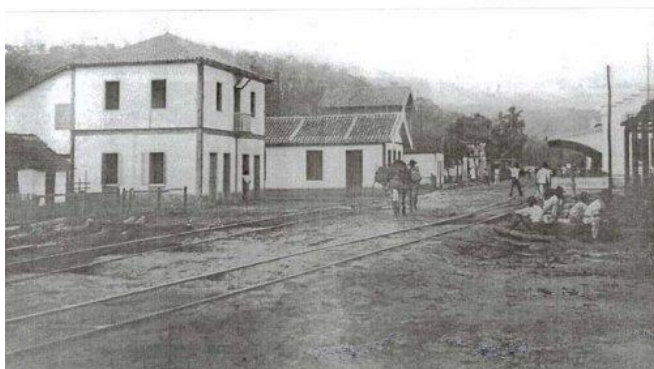


Figura 03: Foto de Colatina, em meados da década de 30 com a estação ferroviária à direita, aos fundos.

Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2016.

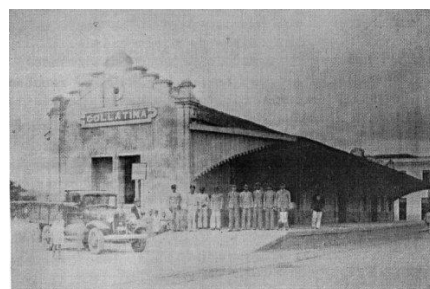


Figura 04: Foto da estação ferroviária em meados da década de 30.

Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2016.

Os novos colonos atraídos após a execução da ponte, ampliaram a malha da cidade de forma paralela ao curso d'água na margem sul e deram início a colonização na margem norte do Rio Doce, expandindo a produção cafeeira (ALBANI; ASSIS, 2020). Em virtude da sua influência para a expansão da cidade, em sua dimensão política e econômica, a ponte Florentino Avidos é considerada outro elemento patrimonial que surgira em função da estrada de ferro. Apesar de não exercer sua função inicial como rota para o trem, a ponte interliga as margens do rio, tornando-se elemento fundamental para o desenvolvimento local e regional.

O adensamento populacional provocado após execução da ponte, proporcionou alterações paisagísticas e a cidade começa a ganhar características urbanas. Fatos passíveis de serem identificados nas fotografias datadas da década de 50 (Figura 05), em que é notória a instalação de postes de energia elétrica e novas ruas auxiliares para a mobilidade urbana, onde os carros trafegam entre as pessoas, ao lado da linha do trem. Este adensamento populacional causou a desativação da estação ferroviária localizada na praça municipal, para as margens da cidade, pouco distante, onde foi construída uma nova no ano de 1951 (COM, 1989). Após a construção da nova estação ferroviária, onde hoje encontra-se o bairro Esplanada, há a desativação e demolição do edifício da primeira estação situado na praça municipal da cidade. Assim como a primeira, a segunda estação ferroviária é identificada como elemento patrimonial, pois consiste em um edifício permanente na atualidade, que faz referência aos tempos áureos da ferrovia.



No ano de 1953, Colatina se destacava entre as dez cidades mais desenvolvidas do Brasil, ganhando títulos de maior produtora de café, atraindo cada vez mais produtores (TARDIN, 2014). Sendo possível observar no fim desta década, a extensão da expansão urbana na margem sul rumo ao oeste (Figura 06), em direção ao rio Santa Maria do Rio Doce, alterando o tecido urbano. A cidade inicialmente instalada nas áreas planas entre rio e morros, começa também a se expandir para as regiões mais afastadas e as áreas elevadas, de modo a permanecer nas proximidades do núcleo urbano consolidado ao redor da estação ferroviária e da linha férrea.



Figura 05: Foto dos trilhos tirada no ano de 1950.
Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2019.



Figura 06: Foto de Colatina entre os anos de 1950 e 1960.
Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2019.

As riquezas dos barões do café refletiram na arquitetura da cidade. Contudo, nas fotografias dos anos 1960 (Figuras 07 e 08), é possível notar a influência que a crise cafeeira desta década exerceu sobre a cidade como um todo. A crise atraiu os produtores do campo dando início a verticalização e a cidade teve a necessidade de se moldar aos novos serviços de atividades econômicas diversas, como a pecuária, o setor metal-mecânica, o setor vestuário e moveleiro (ALBANI; ASSIS, 2020). Este novo contexto sociocultural e econômico de novas atividades, modificaram o cenário até então característico de vilarejo para o de cidade urbana. Além das edificações verticalizadas destacadas entre os morros, é possível notar nas fotografias o grande aumento do número de automóveis pelas ruas. Automóveis de passeio e de serviços, como caminhonetes e caminhões circulando lado a lado com o trem. Também são notadas as melhorias de infraestrutura como a pavimentação das ruas e o destaque dado para a praça municipal, como portal de acesso à ponte que atravessa o rio.



Figura 07: Foto de Colatina no final da década de 60.
Fonte: Afrânio Serapião, GIESBRECHT, 2019.



Figura 08: Foto de Colatina no início dos anos 70.
Fonte: Autor desconhecido, GIESBRECHT, 2019.

Em virtude da permanência da praça municipal mesmo após a demolição da primeira estação ferroviária, é possível considerá-la mais um elemento patrimonial, bem como as edificações permanentes e persistentes situadas em seu entorno, visto que desde os primórdios compõe a paisagem ferroviária.

Seguindo a análise fotográfica, é constatado que a linha férrea intensificou o povoamento ao longo dos trilhos, dando origem a principal avenida da cidade, a Avenida Getúlio Vargas, onde antes situavam-se as primeiras habitações, se instalaram o comércio e os equipamentos públicos deste novo cenário socioeconômico. Na fotografia em que foi registrada a passagem do último trem (Figura 09), é possível contemplar o tamanho da importância que este exercia para a população. Sua imagem como figura central, em meio ao cenário caracterizado pelas edificações verticalizadas, compostas por comércio e residências, contrastam com a topografia acidentada ao fundo. A população em meio ao tumulto e aos carros, aprecia a última passagem daquele que trouxera tanta prosperidade.

Assim que passara o trem, deu-se início a retirada dos trilhos (Figura 10), abrindo alas para o então famoso canteiro central da Avenida Getúlio Vargas, conhecida pela variedade de comércios ofertados pela cidade que se tornara então um grandioso polo industrial. O que nos leva a identificar a avenida como outro elemento patrimonial, em virtude de sua contextualização histórica, que representa o percurso do trem, bem como o princípio de expansão da cidade, localizada próxima a praça municipal, local que abrigava a primeira estação.

No mesmo ano de retirada dos trilhos, a ferrovia foi desviada do centro da cidade para a região de “Duas Vendinhas” e a Estação Ferroviária foi instalada no



Bairro Luis Iglesias, às margens da cidade (ORG. Prefeitura Municipal De Colatina, 2008).



Figura 09: Foto de Colatina no ano de 1975- o último trem.

Fonte: Autor desconhecido, 1975: Colatina, 2016.



Figura 10: Foto mostrando a retirada dos trilhos- ano de 1975.

Fonte: Afrânio Serapião, HÁ, 2019.

Ao aplicar a análise fotográfica, foram identificados elementos do patrimônio territorial que compunham a paisagem ferroviária da época, assim como compreendido a relação do elemento com o entorno social e econômico. Foram identificados apenas elementos do ambiente construído e ambiente físico, visto que as imagens selecionadas estão direcionadas para a paisagem ferroviária, não abrangendo os costumes e saberes relacionados ao período.

O principal elemento que aparece como destaque nas fotografias, é a linha férrea sempre em contraste com os componentes naturais, como a vegetação, o rio ou os morros- identificados como patrimônio territorial característicos do ambiente físico. Outros elementos identificados como patrimônio territorial foram as estações ferroviárias, a ponte Florentino Avidos, a praça municipal, a avenida Getúlio Vargas e suas edificações- correspondentes ao ambiente construído. Todos os elementos são considerados de igual importância, pois atuaram na composição e transformação da paisagem da cidade.

Correlacionando os elementos identificados aos fatos históricos e a contextualização temporal, foi possível realizar uma breve análise da paisagem ferroviária no centro da cidade de Colatina, reconstruindo a história e compreendendo a dinâmica da evolução paisagística ferroviária, que ocorreu em virtude dos benefícios levados à região pela implantação da estrada de ferro. Possibilitando assim, destacar alguns elementos patrimoniais referentes a paisagem ferroviária, bem como promover a



rememoração do período de grande marco histórico, que deu início à formação da identidade cultural da cidade de Colatina.

Em virtude de a pesquisa fotográfica estar restrita à meios digitais, não foram encontrados dados específicos sobre o fotógrafo e o instrumento de registro, no entanto, considera-se a intenção do fotógrafo ao avaliar o momento e registrar o que vê, adotando a imagem em si como o fator mais importante. Entendendo que a imagem é uma paisagem formulada a partir da combinação dos elementos presentes no espaço territorial, que em um determinado momento, foi capturado pelo olhar do fotógrafo e sua câmera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é a captura de um momento por meio da imagem, que permite, a partir do presente, o acesso ao passado, o que evidencia sua importância. No entanto, para que seja utilizada como documento, é necessário conjugá-la a outros meios, como a documentação escrita e sobreposição de imagens, tornando possível a sua leitura e interpretação. Ao ser utilizada como instrumento de análise, possibilita a identificação dos elementos paisagísticos em destaque, os analisando quanto a seus atributos culturais. Assim, ao considerar suas potencialidades e limites, levando em apreciação as imagens fotografadas e o contexto temporal, é possível realizar a leitura e compreensão da imagem, revelando o que está por trás da paisagem congelada.

Desse modo, a imagem, associada à outras fontes de documentação, possibilita a reelaboração da memória, bem como a revelação e reestruturação da história. Por meio da análise iconográfica e iconológica da paisagem ferroviária contida nas fotografias selecionadas de Colatina, é reestruturada a história da ferrovia na cidade, e a partir de então, são identificados sedimentos- elementos materiais e naturais que constituem a paisagem e o patrimônio territorial da cidade, sejam eles elementos já desaparecidos ou permanentes e persistentes.

O método de análise da paisagem por meio da fotografia, possibilitou a rememoração de um período de grande marco histórico que deu início à formação da identidade cultural da cidade de Colatina. O processo de identificação dos elementos patrimoniais contribui para a preservação, uma vez que ao registrar a história há a perpetuação do conhecimento, diferente das lembranças que estão suscetíveis ao esquecimento. Além do mais, a documentação, facilita o compartilhamento do



conhecimento para as gerações futuras, capazes de garantir a valorização da memória e história na dimensão cultural e política, possibilitando a reconstrução e comunicação da identidade territorial na duração histórica memorial. Assim, remete-se a uma retórica patriótica dando consciência as raízes de um povo, reafirmando a identidade local.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALBANI, V.; ASSIS, L. C. A forma urbana e a produção do espaço: um estudo sobre a expansão urbana de Colatina, ES. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.42, v.3, p. 77-100, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6652>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

TARDIN, A. P. Patrimônio Histórico: casarões hospedaram fãs de Hitler e até presidente. **Atribuna**. Vitória, 13 abr. 2014

BISPO, A.; PROCHNOW, L. Paisagem cultural e patrimônio ferroviário: discursos da preservação no Brasil e na Argentina. In: **40 Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**, 2016, Belo Horizonte.

BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

HÁ 44 anos, passava do Centro de Colatina, o último trem da Vale. **Colatina em ação**. Colatina, ES, 2019. Disponível em: <<https://colatinaemacao.com.br/2019/10/25/videoha-44-anos-passava-no-centro-de-colatina-o-ultimo-trem-da-vale/>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

COM a Maria Fumaça Colatina Progredia. **Revista Nossa- Dona Colatina: Nossa História**. n°45- ano VII, p.18. Colatina- ES, 1989.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 202 p.

GIESBRECHT, R. M. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Santana de Parnaíba, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/colatina_pri.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

GIESBRECHT, R. M. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Santana de Parnaíba, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/colatina_seg.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter- Edições Vértice, São Paulo, 1990.



KOSSOY, B. **Fotografia e História**. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 177p.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. Tradução Bernardo Leitão ...[et al.]- 7ª ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 504p.

MAGNAGHI, A. (Org.) **La rappresentazione identitaria del territorio**. Atlanti, codici, figure, paradigmi per il progetto locale. Firenze: Alinea Editrice, 2005, 426p. Disponível em: <http://www.lapei.it/?page_id=755>. Acesso em: 24. Ago. 2021.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Documentação. Editora Melhoramentos Ltda, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/documenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

1975: Colatina viu o último trem. **Nossa Colatina**. Colatina, ES, 2016. Disponível em:<<https://www.facebook.com/nossacolatina/posts/1257740314320038/>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ORG. Prefeitura Municipal de Colatina, Professores da Rede Pública. **Colatina em Foco**. 1. Ed. Colatina- ES, p.152, 2008.

TEIXEIRA, Fausto. **Colatina ontem e hoje**. Edição promovida pela Prefeitura Municipal de Colatina e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1974.

TONELLO, I. M. S.; MADIO, T. C. C. A fotografia como documento: com a palavra de Otlet e Briet. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 01, p.77-93, jan./ abr. 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504/23231>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira, Londrina: Eduel, 2015. 298 p.